

IMAGINÁRIO EURO-BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

ROCHELE PERES BARROS¹; ROSANA PINTO XAVIER²;
CAROLINE BONILHA⁶:

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – rochyperes@gmail.com* *ochyperes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – rosana.xavvier@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – bonilhacaroline@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa, realizada para a disciplina de Iconologia II, lecionada pela professora - e orientadora do trabalho - Caroline Bonilha, é constituída de por uma análise comparativa de pinturas brasileiras do século XIX (dezenove) e pinturas europeias.

A partir dessa análise, vislumbramos o que viemos a denominar de “imaginário euro-brasileiro”, o qual consiste nos impactos estéticos do canone acadêmico eurocentrico artístico da época na representação de paisagens, figuras e narrativas brasileiras.

O estudo busca explorar esse imaginário “euro-brasileiro” como um limiar inexistente que não é nem Brasil, nem Europa, mas uma mescla de ambos - um Brasil representado através de medidas europeias para europeus.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Essa pesquisa faz uso do método mnemônico de Aby Warburg, com uma análise comparativa e aproximativa de pinturas seletas de artistas brasileiros do século XIX em conjunto com seus respectivos referenciais europeus com a finalidade de analisar suas influências e parafraseios artísticos na criação desse “imaginário euro-brasileiro”, sendo esse o produto da criação de arte no Brasil, por artistas brasileiros com formação europeia seguindo cânones europeus, criando assim um hibridismo entre seus repertórios de vivência (cultura brasileira) e acadêmicos (cânones europeus).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após da análise, recorte de imagens e realização do painel, sua organização deu-se em quatro grupos e cinco caminhos de leitura: Figuras “europeizadas” em cenário brasileiro (1), Cenas históricas (2), passagens bíblicas e alegorias (2), Figuras brasileiras (3), paisagens brasileiras (4) e A “verdadeira” paisagem brasileiro (5).

1) Figuras “europeizadas” em cenário brasileiro

O primeiro grupo, e ponto inicial da pesquisa, é constituído por pinturas realizadas por pintores brasileiros do século XIX, no qual figuras seguindo o cânone europeu são representadas em paisagens visivelmente brasileiras - que apresentam aspectos únicos de nosso país, como os cenários costais e nossa flora específica (por exemplo, a araucária).

Essa forma de retratar o Brasil cria isso que chamamos de “imaginário euro-brasileiro”, uma mistura, quase que uma colagem, resultado da bagagem intelectual adquirida pelos artistas durante seus estudos técnicos da arte na europa, somados ao seu conhecimento empírico do seu próprio país. Este grupo é fascinante por apresentar o Brasil e as figuras nele de tal forma que poderia ser confundido com uma pintura europeia.

2) Cenas históricas, passagens bíblicas e alegorias

A seguir, no canto superior direito, temos um recorte que agrupa cenas históricas, passagens bíblicas e alegorias.

A lógica por trás da junção das cenas históricas e alegorias pelo mesmo grupo se dá pela questão de que estas eram propositalmente feitas com obras europeias famosas em mente, tal como a Alegoria a Pintura de Almeida Júnior tem semelhanças óbvias a Vênus de Botticelli, e como a “Primeira Missa no Brasil” de Victor Meirelles, como o próprio professor de História da Arte aponta em um de seus livros, é praticamente uma releitura (para não chamar de cópia) da “Primeira Missa na Cabília” de Vernet Horace. Esse “diálogo intenso com a história da arte” (COLI, Jorge) presente nas produções do século XIX é usada como ferramenta iconológica e iconográfica para que o trabalho fosse reconhecido; os grandes mestres do passado serviam de inspiração - “estrelas guia” - para os jovens artistas, e os aspectos formais da obra - o tamanho da tela e como as imagens eram orquestradas para formar uma composição - eram muito mais importantes do que o que hoje chamamos de “originalidade”. Logo, segundo na tese de que os artistas brasileiros do século XIX atuavam com “um pé” no Brasil e o outro na Europa, seguindo seus cânones específicos e “universalizados”.

Já a presença das passagens bíblicas conversa com o primeiro grupo, porém apresentando esse cenário “fantasioso” que as faz ser localizadas entre as figuras europeizadas e as alegorias (fantasiosas), porém desta vez se tratando de figuras não brasileiras, representadas em cenários que não deveriam ser o Brasil, porém, ainda assim conseguimos avistar “brasiliidades” no fundo das obras, uma leve familiaridade com aqueles cenários que deveriam se localizar a oceanos de distância.

3) Figuras brasileiras

O grupo mais a baixo do painel apresenta uma coletânea de obras - tanto retratos quanto composições de cenas mais completas - de pessoas figuras realmente brasileiras, desde a realeza, os nobres e os capitães do Brasil Imperial até as classes mais baixas; as empregadas, os caipiras, os indígenas.

As figuras de reis, princesas, madames e lordes, são retratadas de forma formal, tendo poucas diferenças estéticas dos retratos da realeza europeia - resultado, obviamente, da conexão do Brasil Imperial com Portugal -, porém deixando mais evidente da diferença de “enquadramento” desses brasileiros europeizados dos “reais” brasileiros, daqueles que já estavam aqui e daqueles que construíram o país em suas costas - o povo -, que é representado de forma mais “solta” e “informal”, sem tanta preocupação quanto as perfeições do neo-clássico europeu.

4) Paisagens brasileiras

O último grupo isolado apresenta apenas paisagens - em sua maioria sem figuras humanas - do brasil feitas por esses mesmos artistas, fazendo assim a ligação com o fundo das imagens do primeiro grupo já que assim se percebe a localização das quais foram baseadas principalmente na parte da flora, já que muitas retratam a natureza encontrada no brasil.

5) A “verdadeira” paisagem brasileiro

Esse grupo, constituído por três outros grupos do painel, possui uma distribuição mais “alastrada”, criando uma forma diferente dos demais grupos, pois nessa leitura, o terceiro grupo se “biparte” do primeiro, se iniciando com as classes mais altas a serem representadas e criando um degradê de classes sociais. Isso porque quanto mais elevado o status do indivíduo, mais “canonizado” este era representado.

As figuras de reis, princesas, madames e lordes, são retratadas de forma formal, tendo poucas diferenças estéticas dos retratos da realeza europeia - resultado, obviamente, da conexão do Brasil Imperial com Portugal -, porém deixando mais evidente da diferença de “enquadramento” desses brasileiros europeizados dos “reais” brasileiros, daqueles que já estavam aqui e daqueles que construíram o país em suas costas - o povo -, que é representado de forma mais “solta” e “informal”, sem tanta preocupação quanto as perfeições do neo-clássico europeu.

O final desse degradê, que apresenta pessoas do povo, caipiras, indígenas e bandeirantes, em contrapartida a alta sociedade brasileira, se mescla ao último grupo de paisagens, trazendo a ideia de que estes seriam retratações brasileiras do brasil, enquanto o hemisfério leste do grupo seria constituído por brasileiros pintados por “lentes europeias”.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos eletrônicos

XAVIER, Rosana; PERES, Rochele. Imaginário Euro-Brasileiro do século XIX. Prezi, 2023. Disponível em: <https://prezi.com/view/EL5HTPUd8IetIUy697nx/> Acesso em: 10 out. 2024.